**PRINCIPAIS MÉTODOS DIAGNÓSTICOS *IN VIVO* DE DIROFILARIOSE FELINA POR *DIROFILARIA IMMITIS***

**Maria Beatriz Medeiros Vale Costa1\*, Amana Fernandes Maia2, Caroline de Brito Ferreira3, Ingrid Nayara Duarte Azevedo³, José Jurandi Nunes Batista Júnior³, Tereza Cristina Raggi Cavalcante³e Yade Farias Nunes³.**

*1Graduanda em Medicina Veterinária – UFCG – Patos/PB – Brasil – \*Contato: mbeatrizvale@gmail.com*

*2Médica Veterinária autônoma - CRMV-CE 03474*

*3 Graduando(a) em Medicina Veterinária – UFCG – Patos/PB – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A dirofilariose é uma condição que possui importância zoonótica, diagnosticada com maior frequência em cães. Contudo, os gatos *(Felis catus*) também são animais suscetíveis ao parasita *Dirofilaria immitis*, fazendo com que a dirofilariose felina venha sendo cada vez mais diagnosticada em áreas endêmicas. Por ter caráter zoonótico emergente e ampla distribuição geográfica (mais presente em locais de clima temperado com temperaturas mais elevadas e áreas tropicais por todo o mundo)10, todos os aspectos referentes a essa patologia devem ser estudados de forma abrangente, visando um melhor entendimento do papel do ambiente, agente, vetor e hospedeiros na saúde única. Neste referido trabalho abordaremos quais os métodos de diagnóstico da dirofilariose felina (causada por *D. immitis*) mais utilizados na rotina da clínica médica veterinária.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de uma revisão de literatura com base em estudos e pesquisas acerca do tema “dirofilariose felina”, realizados em livros de diversas áreas da medicina veterinária e nas plataformas PubMed, Elsevier, SAGE Journals e Google Acadêmico, no período 2001 a 2019, no qual foram selecionados artigos com tais palavras chaves: “diagnóstico”, “dirofilariose felina”, “dirofilaria immitis”, “gatos”, “zoonose”.

**REVISÃO DE LITERATURA**

O parasita nematódeo filariano *Dirofilaria immitis* é responsável pela maioria dos casos de dirofilariose vistos na atualidade em animais de companhia, tanto em caninos (hospedeiros definitivos habituais) como em felinos 2,7,10. Esse agente infeccioso possui hospedeiros intermediários, que agem como vetores (mosquitos pertencentes aos gêneros *Aedes, Anopheles e Culex*), e hospedeiros definitivos (canídeos domésticos e selvagens, ocasionalmente gatos e raramente humanos, primatas) sendo os cães considerados os hospedeiros definitivos finais e reservatórios naturais2,3,10.

Apesar de serem suscetíveis à patologia, essa condição não é tão frequente em felinos, com índice de prevalência de aproximadamente 5 a 10% daquele encontrado em cães no mesmo local geográfico4,8, o que pode ser explicado pelo fato de que os gatos são mais resistentes aos vermes adultos que os cães, possuindo menos parasitas em seu organismo (além dos vermes também possuírem tempo de vida mais curto nesse hospedeiro)1,2,8. Além disso, é importante destacar que a microfilaremia em gatos é rara ou transitória (especialmente devido à pouca quantidade de vermes adultos maduros em seu organismo, impossibilitando a produção e liberação de formas larvares do agente na corrente sanguínea), fazendo com que essa espécie não seja considerada um reservatório de microfilárias, sendo definida como um hospedeiro acidental5. Portanto, é necessário que haja presença de cães na mesma região que o felino para que ocorra a infecção9.

Pelos sinais clínicos serem bastante variados em felinos domésticos (além de diferirem dos encontrados em cães) seu diagnóstico torna-se dificultado2,6. Muitos gatos também podem não apresentar qualquer sinal clínico ou os manifestam apenas transitoriamente. Há presença principalmente de tosse ou dispnéia, vômitos intermitentes, tendo ocasionalmente sinais neurológicos presentes (agudos ou crônicos)1,4,7.

Por isso, a dirofilariose felina ainda é uma condição subdiagnosticada na clínica médica veterinária, não tendo nenhum exame sensível e específico que confirme essa condição em todos os estágios de vida do parasita6. A melhor estratégia, então, é realizar uma série de testes diagnósticos (sorologia, radiografia torácica e ecocardiografia) e repeti-los quando necessário1.

Na sorologia pode ser realizado tanto teste de anticorpo quanto de antígeno, porém, em felinos, a acurácia desses métodos é problemática. O ELISA irá detectar uma proteína encontrada no trato reprodutivo de vermes fêmeas. Nos gatos acometidos, a eficácia desse teste é reduzida devido à baixa carga parasitária ou à possibilidade de haver infecção apenas com vermes machos4,5,6,7. Um resultado positivo irá confirmar a presença definitiva de vermes adultos no animal. Em testes de anticorpo o resultado indicará que em algum momento ocorreu a infecção, mas não oferece, de fato, uma confirmação de existência atual da patologia1,3. Esse método analisa a presença de anticorpos produzidos em resposta a larvas de dirofilaria. Sua principal vantagem é o fato de que a presença de anticorpos já pode ser detectada após 8 semanas da transmissão pelo mosquito1,2. Os testes existentes podem variar na sensibilidade, de acordo com cada estágio de desenvolvimento larval, portanto, resultados que discordem entre si são comumente encontrados1. Por isso, os testes sorológicos devem ser feitos em conjunto com a realização de outros meios de diagnóstico6.

A radiografia torácica é uma importante ferramenta, não só para o diagnóstico, mas também para o monitoramento da dirofilariose4. Dentre os principais achados encontrados neste exame, o mais específico seria o aumento significativo das artérias pulmonares lobares caudais centrais e periféricas (acima de 1,6 vez a largura da nona costela) na incidência ventrodorsal2, podendo haver outras manifestações vasculares. As alterações vasculares são mais bem vistas na posição ventromedial, possivelmente encontradas apenas na artéria lobar caudal direita, onde os vermes costumam se alojar1. Outros possíveis - mas menos comuns - achados incluem: um padrão pulmonar broncointersticial, hiperinsuflação dos pulmões com achatamento do diafragma, radiopacidades parenquimatosas focais, derrame pleural e pneumotórax1. Esses aspectos radiográficos condizentes com a dirofilariose felina podem ser vistos em aproximadamente metade dos gatos que, através da análise de histórico e sinais clínicos, são suspeitos de serem infectados1.

O exame de ecocardiografia, por sua vez, é uma ferramenta valiosa de investigação clínica. Os vermes adultos habitualmente localizam-se no interior da árvore arterial pulmonar ou no ventrículo direito, sendo vistos como linhas paralelas ecodensas2. Dirofilárias imaturas também poderão ser observadas neste exame. Geralmente, em casos suspeitos, a alta especificidade deste exame permite uma confirmação diagnóstica em casos com, pelo menos, 5 meses de duração1.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o fato de que a dirofilariose em felinos possui difícil diagnóstico quando observadas apenas manifestações clínicas isoladamente, os métodos diagnósticos descritos anteriormente tornam-se imprescindíveis para a confirmação da patologia. Em conjunto com anamnese detalhada, principalmente em gatos com sinais respiratórios agudos ou crônicos e/ou vômitos intermitentes, os exames citados podem ser uma importante ferramenta para uma maior sensibilidade diagnóstica dessa condição.